

UM PENSADOR DIALÉTICO

Gláucio Veiga

“Gláucio Veiga: não é justo que marxismo e agora orteguismos sejam atuais obstáculos à nossa aproximação. Vai este com um abraço do companheiro de estudos e seu admirador — Gilberto Freyre. (Dedicatória em *Insurgências e Ressurgências Atuais*.)

“Malheur aux livres qui concluent”, registrava Gide esta “incidência”. As conclusões não valeriam, vinte anos, pois, ao final destes dois decênios tornavam-se inconclusas.

Isto me vem à memória numa referência de outro fato memorizado: dizia-se que uma das acusações de João Ribeiro a *Casa-Grande & Senzala* seria a inconclusão da obra. À época, o argumento-acusação pesou duplamente. Primeiro peso por ser da responsabilidade de João Ribeiro, um dos oligopolistas do saber nacional do seu tempo, polígrafo no melhor sabor do Século XIX. Segundo, porque entrávamos numa época — o Brasil e a América Latina — de participação “científica”.

Esta época inicia-se com Tobias Barreto e o cientificismo desborda para a literatura. Martins Júnior pretende fazer “poesia científica” e Augusto dos Anjos, bem o sabemos, incorpora ao soneto a sonoridade vocabular das categorias biológicas e invoca o “anfiteatro da ciência”. Cientificismo que vinha por duas vertentes: pelo haeckelismo e darwinismo divulgado pela Escola do Recife e, por outro lado, pelo comtismo, espelhado e espalhado, principalmente no Brasil, México e Argentina.

Quanto ao positivismo, há temperamentos a fazer. Ao mesmo tempo que Comte se afirmava e se divulgava, uma geração antipositivista, apóstata, começa-

va a surgir, porém sem abandonar o "cientificismo". E a apostasia pela matemática de Comte, cujos equívocos começavam a ser revelados.

Otto Alencar, positivista, é o primeiro dessa reação com artigo na época hereticamente calvinista, para a ortodoxia matemática: "Alguns erros de matemática na Síntese Subjetiva de A. Comte".

Nesta ordem de idéias, surgem os seguidores de Otto Alencar, especialmente, o grande Amoroso Costa com a monografia que, na década vinte, integrava, não por acaso, uma *Biblioteca Científica Brasileira*, dirigida por Pontes de Miranda.

Envolvido andava Pontes de Miranda nesse cientificismo, tentando matematizar as ciências sociais, ingenuamente esperançoso em suas equações matemático-sociológicas, falando de "tempo" social, "espaço" social, "curvatura" do espaço social e fisicalizações outras que seriam seguidas por Mário Lins e, entre nós, por algum tempo, por Pinto Ferreira.

Anote-se que o transplante desses conceitos de espaço social, tempo social, não se fazia qualitativamente, como pretendeu Sorokin; mas, meros processos mecânicos de aplicação fiscalista.

A ciência deveria assegurar a "certeza", o "conclusivo" e nisto os "científicos" estavam crenes, como últimos herdeiros de um Iluminismo racional, "certeza", "conclusão", "estabilidade", valores tipicamente exigidos pela classe burguesa ao alcançar o clímax do poder político e econômico. A humanidade ansiava por esta "Ordem" geral expressa nestas palavras de Meredith: "Ah what a dusty answer gets the soul, when hot for certainties in this our life".

Ora, a contribuição de Gilberto Freyre estaria exatamente em despir as ciências humanas deste medusamento de "certeza", de matematizações, de fisicalismo, arriscando a ver sua interpretação, pejorativamente, ganhar a classificação de "literária" como veremos à frente.

Em verdade, este cientificismo começaria a ser erodido, após trinta, no Brasil, tal cientificismo foi responsável por alienação tão estúpida, quanto estúpida, dos nossos cientistas e filósofos sociais.

Para agravar a onda do cientificismo, surgira *Os Sertões*, criação de um "científico", porém, com boa formação literária: Euclides da Cunha. O livro é um tratado de Geologia e de Antropologia Física, moldurando conflito social, tudo no melhor espírito da fatalidade determinista.

Tornou-se a estrutura de *Os Sertões* paradigma para livros e biografias: primeiro, fazia-se a cartografia do Meio; depois, a golpes de martelo, encaixava-se, de maneira qualquer, o Homem, fosse ele quem e como fosse.

Afinal, a meta última do "científico" era a "conclusão", a certeza que defluiria naturalmente de princípios e premissas que conduziriam fatal e irremediavelmente, àquele resultado.

O cultivo desse cientificismo se fazia imperante porque o Progresso de Augusto Comte somente se possibilitaria com base na ciência. Sem ciência, Progresso não há.

É o momento da agressão histórica ao bacharel, responsável e responsabilizado pelas insuficiências do país, com o seu "romanticismo jurídico", bacharelismo tão bem visualizado por Gilberto Freyre, particularmente, em *Sobrados e Mucambos*.

Não que o cientificismo politécnico conduzisse — como não conduziu — ao trato da ciência objetivada, da ciência aplicada, enfim, da Tecnologia.

Sob a capa lantejoulante das equações algébricas, refugiava-se o espírito bacharelesco, o insuperável teoretismo dos bacharéis militares, apelidados de "Monsieur Problème" e que foram batidos pelos guaranis analfabetos de Lopez na Guerra do Paraguai, onde as equações ficaram inaplicadas. Como inaplicadas ficaram neste século, onde outros analfabetos — agora, os iletrados do Conselheiro — bateriam airosoamente tantos outros bacharéis militares, em Canudos.

Não que Amoroso Costa se desapercebesse da problemática matemática-pura/matemática-aplicada.

À época, nos idos de oitenta do século passado, circulava com sucesso a frase de B. Pierce: "a matemática é a ciência que formula as conclusões necessárias".

Mas, era temática menor, tanto que desprivilegiada no livro de Amoroso Costa para capítulo último. E tão conclusivo andava Amoroso Costa que, na década de vinte, não gaguejava para escrever no prefácio do livro memorável que a Matemática, "em alguns dos seus ramos, atingiu um estado de perfeição definitiva".

O mesmo dissera Leibniz dos seus cálculos. Não menos conclusivo se apresentou Augusto Comte.

Este equívoco de um progresso linear da ciência, de "descoberta" em "descoberta", sobre os cadáveres de antigas teorias e venerandos e não mais veneráveis métodos, ainda hoje, vitaliza alguns "científicos", desinformados da História da Ciência.

Poderíamos multiplicar exemplos, porém invocamos o fato mais corriqueiro. Assim, ninguém duvida que a mecânica newtoniana superou a mecânica

aristotélica, como, indubioso que a teoria einsteiniana “está mais próxima da teoria de Aristóteles do que qualquer uma das duas está da de Newton”.

A “certeza” do direito, tão perseguida por Onate a finalidade da lei como, pelo menos, “*temporalis tranquillitas civitatis*”, enfim, a perseguição do “concluso”, do “estável” conflitava com a incerteza da microfísica heisenberguiana.

Tais “fiscalismos” detectou-os Gilberto Freyre ao refutar monismos estrábicos e certo tipo de mecanicismos superados na Física, quando pela primeira vez, no Brasil, expôs as idéias de Sorokin, sobre os espaço e tempo sociais, conceitos tão mal assimilados por Pontes de Miranda — já o disse acima — que, aliás, morreu matematizante e matematizado, na área das ciências humanas, jamais conseguindo se libertar daquele “transe numérico” que sempre o acompanhou pela vida afora.

A mentalidade “conclusiva” vem parêlhas com a matriz monista. E no fundo, psicoanaliticamente, este “cientificismo” conclusivo e acabado é a regressão da própria ciência, transforma-se, melhor diria, transmuda-se numa teologia numeral e algebral, pois, no final, tudo deságua nas origens de um Deus uno, onipotente e, onisciente.

Nada mais perto de Deus do que a matemática leibniziana e comtiana, com justo agrado para os teólogos, a surpreenderem, em cada descoberta científica, uma confirmação de imagens bíblicas, quer do profetismo, quer dos evangelistas, confirmação glissando imperceptivelmente para uma conformação. E a vitória do teólogo está, exatamente numa conformação que na confirmação.

Todo um ensaio substancioso poderia ser escrito sobre o conceito do Uno — ou do Único — retomando as explorações de Stirner. Por isto mesmo, sempre dissemos que o suposto materialismo de Tobias, ancorado no monismo haeckeliano-darwinístico — pelo menos, num momento de sua vida — não passava de teologia frustrada.

Daf, o “ateísmo” sociológico de Gilberto Freyre, quando partiu do pluralismo social e, portanto, partia de uma inconclusão. Como de “inconclusões” partiu Marx para chegar — note-se, como cientista social, jamais como político — a outras “inconclusões”.

Pois se o texto marxista não continuasse “inconcluso”, aberto, de há muito estaria sepultado. Lenine registrou-o logo, quando convidado a redigir o verbete biográfico “Marx” para o *Dicionário Enciclopédico Granat*, em 1914, na frase lacônica, deceparante: “O marxismo não é nenhum dogmatismo”.

Não fez Lenine nada mais que reiterar as frases de Marx, principalmente a falsificação de seu pensamento como um monocausalista econômico. Incre-

pação que depois Engels, em magnífica carta a um amigo, esclarecia: se o econômico tivesse sido considerado por mim e por Marx como causa única, os problemas da História teriam sido mais fáceis que uma equação de 1o. grau.

Sem se falar na carta do próprio Marx, a Lassalle, repelindo tais estreitezas e dizendo tanto quanto ironicamente: neste sentido, "je ne suis pas marxiste".

Entretanto, o ser conclusivo é atitude mais anticientífica que se conhece, pois a ciência é uma acumulação de revelações temporárias e circunstanciais.

No começo do século, Poincaré escreveu livrinho de sucesso invulgar, "*Science et Méthode*". E começava o capítulo primeiro, não por citar cientistas mas, invocando Tolstoi, para quem a ciência pela ciência era uma concepção absurda, pois, não podemos conhecer *todos* os fatos. Daí a imperatividade da escolha dos fatos a serem relacionados para estudo. Qual o critério da seleção? Poderia ir do simples capricho, continua Tolstoi, até um critério de utilidade.

O drama, a tensão dialética na ciência começa pela escolha dos fatos, assinala Poincaré, enfrentando a temática do pluralismo, da *realidade*, pluralizadas em *realidades*. E o critério começará pelos fatos simples. Mas, se não seria faina difícil rade:izar pelas ciências naturais os fatos simples — e para encontrar o fato simples teríamos de nos espichar do infinitamente grande para o infinitamente pequeno, segundo Poincaré — na área das ciências sociais, "le sociologiste est plus embarrassé". Os elementos à disposição são "trop dissemblables, trop variables, trop capricieux, trop complexes".

Para este pluralismo ser captado fizeram-se necessários numerosos métodos — métodos plurais. E conclui Poincaré razoavelmente: "de sorte que la sociologie est la science qui possède le plus méthodes et les moines de resultats".

O otimismo de Newton, ao encerrar sua "Philosophia Naturalis", "hypothesis non fingo" — não imagino hipóteses, reflete uma época. A ciência se autobastaria, autocompletar-se-ia. E vimos como Einstein superou Newton. Não que este incorresse em erro. A física newtoniana hoje é um caso limite. E vimos como em alguns pontos Aristóteles contata com Einstein.

A verdade científica, disse-o Milton Vargas, em livrinho recente e lúcido, pode ser completada ou superada, jamais negada por outras verdades.

Neste ponto, Freyre teve coragem de enfrentar o cientificismo ao escrever que, em se tratando do passado humano, "há que deixar-se espaço para a dúvida e até para o mistério". Acrescenta que seria ridículo "nos declararmos satisfeitos com interpretações marxistas. . .". Aqui um equívoco de Freyre: se eliminarmos a palavra *mistério* manipulada por Freyre; substituindo-a por *inexplicável*, veria o sociólogo dos Apípicos que Marx aceita o inexplicável não como

mistério, porém, como resultado da insuficiência do conhecimento humano. A tanto vai a "inconclusão" marxista, diferente da "inconclusão gilbertiana", sem pre a apelar para o irracional.

Aqui chegamos ao ponto nuclear da epistemologia. À medida que a ciência se desenvolve, torna-se mais dificultoso abraçá-la por completo; então, tentamos cortá-la em pedaços, cada cientista com o seu, numa palavra, a especialização; mas, a continuarmos neste ritmo, o resultado para a ciência seria desastroso.

Ora, continua Poincaré, a ciência jamais progrediu quando ela não se especializou. Ao contrário, somente avançou quando cientistas de outras áreas se comunicaram: "trop se specialiser, ce serait s'interdire ces rapprochements", arremata Poincaré.

Aqui, então, a tensão dialética de que falávamos há pouco, na ciência: a tensão entre o *especial* e o *geral*, sendo esta tensão, maior, na área das ciências humanas.

De Gilberto Freyre, o mérito maior na área epistemológica é ter enfrentado, desde os verdes anos, certa aporética. Fé-lo, até mesmo, com dosada ingenuidade, ou seja, "pureza" ante o fenômeno social, sem prévios sistemas a direcioná-lo, que o conduziu a construir toda uma fenomenologia do social, como até então ninguém o havia feito.

Todos avançaram para os temas pré-vocacionados pela formação filosófica sistemática: como marxistas, kantianos, tomistas, hegelianos, etc . . .

Libertou-se Gilberto do sistema, o que implica dizer, liberou-se do Único, enfim, pelejou num ateísmo epistemológico e tornou-se por isso mesmo um Lutero, ou melhor, um certo Lutero.

Ora, esta "ingenuidade" perante o objeto recomendava-o, como básico, o fundador da nova fenomenologia: Husserl. Que é redução eidética, senão o método para alcançar a "pureza" não só lógica, como da lógica, libertando-a, principalmente, do cascalho psicológico?

Mas, não devemos nos entusiasmar pelo símile, exaurindo-o em paralelismos fáceis, porém, superficiais.

A redução eidética operada por Gilberto Freyre, sem ter lido Husserl é de outra natureza: não se retirou do contexto empírico; foi, apenas, ao seu encontro, assimetricamente, desmuletado.

Por outras palavras, Freyre criou, talvez sem o perceber, toda uma epistemologia não cartesiana. O que me faz recordar Louis de Broglie, num dos tópicos da *Théorie de la Quantification dans la Nouvelle Mécanique* e que embalsa-

mei na memória: no início do desenvolvimento da ciência moderna, Descartes dizia que devíamos nos esforçar para explicar os fenômenos naturais por figuras e movimentos; ora, as relações de incertezas exprimem precisamente que uma tal descrição com todo rigor é impossível, pois que nunca se pode conhecer ao mesmo tempo, *figura e movimento*.

Aqui, pega o carro. Toda a Sociologia antes de Freyre se esforça cartesianamente para explicar a realidade social distinguindo bem o indistinguível: as figuras sociológicas e o movimento da história. E ao fazê-lo, manejavam uma taxonomia sociológica falha, pois, caíam em esquemas faseológicos — ciclo do ouro, ciclo do café — aparentemente reais, ou criavam entidades de razão, como a tristeza brasileira, que nada mais seria que o somatório da tristeza do negro, desenraizado; tristeza do índio, alienado; e do português, exilado.

Não compreenderam o "quantum" de plástico, de fluido, diria Marx, havia-se embutido, essencialmente, no social. E plástico, plasticidades, adoçamentos, tudo isto terminologia que Gilberto reintroduzirá na analítica do social, bem significativamente anticartesiano.

Se Poincaré denunciou, Freyre reiterou a incerteza do social. Daqui a riqueza em métodos e pobreza em resultados, na Sociologia.

Gilberto Freyre enfrentou e confrontou todas as aporias das ciências sociais. Neste ponto, lembraríamos o magnífico capítulo, "Unidade e Diversidade", em *Sociologia*.

Teria bom escrito se, com o tempo, tivesse tido melhor compreensão para com Marx, de que não anda tão afastado quanto lhe parece. Fruto talvez de uma leitura menos integral do autor de *Das Kapital* ou, o resultado de um temor, quase tremor, pelo condicionamento, dele Gilberto, de classe.

Voltemos, porém, à epistemologia cartesiana, que poderíamos chamar de linear e de cujo racionalismo Freyre ostensivamente se afasta. O pensamento epistemológico linear pode conduzir o espírito humano, segundo Korzabsky, a uma calosidade, "a cosmic corn".

A utilização de certos métodos pode, sem dúvida, "cafejar" a percepção, tornando-a insensível ou transformando-a em *hábito*.

Não assume Gilberto Freyre uma postura evolucionista, porém, procura se caracterizar como "dinamista". Este critério "dinamista" seria o estudo da realidade social, "o estudo das situações sociais, completado pelo de inter-relações sociais — onde e em que relação de espaço social ou físico-social e de tempo social com outros grupos, indivíduos ou instituições, se encontra o grupo, o indivíduo ou a instituição estudada — parece-nos permitir dar ao objeto da Sociologia Geral seu exato caráter e não somente "coisa" — "coisa" social ou socioló-

gica — isto é, forma ou instituição socialmente situada — nem apenas processo, porém, quase sempre, um conjunto de coisa, forma, processos sociais. As situações sociais correspondem e se mantêm por processos de que são inseparáveis”.

Acrescenta Gilberto Freyre não ser fácil separar “com absoluta pureza” e inteira nitidez “coisa social da cultural (etnográfica, jurídica, econômica)”.

Esta a solução gilbertiana que supera o axioma cartesiano — melhor diria — uma *recomendação* — de explicar os fenômenos naturais — acrescentaríamos, sociais, por *formas e movimentos*.

Forma e movimento são integrados por Gilberto Freyre, como método de captação do *real sociológico*, embora, como vimos Freyre grife esta dificuldade.

Neste ponto, Freyre assume postura, pelo menos para mim anticartesiana e antikantiana, pois, não se preocupa muito em distinguir *ser* e *dever ser*. Ao contrário, avança que *ser* implica às vezes *dever ser*, o “é” implica o “deve”.

A esta altura chegamos à posição gilbertiana frente ao marxismo.

Corrido meio século, podemos dar balanço no pensamento gilbertiano perante o marxismo. Perante o marxismo de Marx — sem dúvida, o melhor — e os marxismos imaginários de que falava Raymond Aron, até o pífio e mecanicista marxismo do prolífico Nelson Werneck Sodré.

Ao ser lançado *Casa-Grande & Senzala*, o Partido Comunista já estava instalado. E refletia as diretivas da Internacional, cabisbaixo a Stalin.

Este momento stalinista é de importância o registro, porque o stalinismo ou o marxismo stalinista vai se impondo como espetacular traição ao pensamento de Marx.

Mais correto falarmos, portanto, sobre marxismos, principalmente após a derrocada stalinista, quando a paz ideológica fraturou-se, estilhaçante, em seitas.

Nada mais burguês que a fotografia dos fundadores do P.C., Cristiano Cordeiro e demais circunstantes bem postos em paletós e gravatas, típica foto solene no estilo de “Dr. Fulano, no dia de sua posse cercado dos auxiliares imediatos. . .”

Nascia o P. C. marxisticamente pagão. Ninguém se batizara nos textos de Marx, além de divulgações sumárias em castelhano, algumas brochuras leninistas e quantos opúsculos de Engels. Desta anemia ideológica, queixava-se o grande Otávio Brandão nas memórias. O próprio Prestes, em mirradas reminiscências, revelava que, somente em Buenos Aires, se iniciara em sumárias leituras de Marx.

Ainda na Bolívia, quando da histórica entrevista a Astrojildo Pereira, deste recebeu alguns folhetos marxistas.

Depois de 30, toda literatura política vinha distorcida com a marca stalinista.

Gilberto Freyre jamais andou em eucaristia com a Revolução de 30. Ao contrário, fora homem do Antigo Regime, valendo-lhe o exílio.

Mas, a teórica de *Casa-Grande & Senzala* é um produto típico da revolução de 30, pelo menos, no que se revestia de novador, de novidade e de revisão nos métodos de pesquisa social.

Os condicionamentos de classe, inegáveis a toda evidência, não têm, porém, o elástico que alguns marxistas desavisados pretendem. Se tivesse alcance tão infinito, *Casa-Grande & Senzala* não seria pensado por Gilberto Freyre.

O livro é uma autognose da realidade nacional, haurida não em sistemas filosóficos precondicionantes, porém, como assinalai, através de um "approach" fenomenológico à cultura brasileira.

O material mobilizado será a documentação não intencional dos anúncios, dos depoimentos dos viajantes, dos ofícios e despachos burocráticos onde o "quantum satis" de espontaneidade e "pureza" torna-se mais flagrável.

Através deste material ia se revelando uma cultura nacional não nobre, não helênica, porém parâmetros da cultura africana, da cultura portuguesa — de um Portugal mais África e menos Europa —, e finalmente, o componente autóctone da indiada.

A investigação freyriana ia revelando, e até desmantelando, certos esquematismos de luta de classes, mesmo porque seria difícil detectar classes numa sociedade que era estamental no período de colônia, persistia estamental no Império e ainda chegou até a Revolução de 30 com sequelas estamentais.

Evidente que certas e determinadas categorias marxistas não podiam ser impostas, sob pena de falseamento.

Até aqui, concordamos com Gilberto Freyre e nos reportamos às suas considerações cautelares sobre marxismo, no prefácio à primeira edição de *Casa-Grande & Senzala*.

Por outro lado, de logo, registraria Freyre a tensão dialética. A *Casa-Grande & Senzala* se seguiriam outras teses e antíteses: *Sobrados e Mucambos, Ordem e Progresso, Jazigos e Covas Rasas, Aventura e Rotina*, etc.

Registrou com antecipação e vanguardismo. Esta tensão dialética, antes

de Freyre, somente a pressentira Euclides da Cunha, principalmente no uso e até mesmo simpático abuso da metáfora do paradoxo.

Da mesma maneira que alguém, só por ser adepto da luta de classes, nem somente por isto se torna marxista — advertência de Lenine — igualmente a manipulação das categorias binárias e fundamentais da dialética, não transforma alguém em hegeliano ou discípulo de Marx.

Dialético foi Proudhon e marxista não foi. Pelo menos, andou repellido violentamente por Marx.

Gilberto, portanto, ao utilizar as categorias binárias da dialética não se enroupava no marxismo; e não havia — e ainda não há — em *Casa-Grande & Senzala*, fundamentos marxistas como pensou, *data venia*, equivocadamente Pinto Ferreira, em caprichado rodapé, no *Jornal do Commercio*, na década de cinqüenta.

Se *Casa-Grande & Senzala* e, logo após, *Sobrados e Mucambos*, apontavam contradições no sistema de relações econômicas, contudo, não parecia uma instrumentação ideológica para a luta de classes.

Por outro lado, assustava-se Gilberto com o imperialismo de usina, desmantelando inexoravelmente o sistema patriarcal monocultor escravocrata, esquetejando-o e sem apresentar um sucedâneo estrutural para impedir o processo desorganizador que iria se acentuar a partir de 1900.

Daí as investidas contra a Usina e contra as formas de exploração humana da parte do Usineiro. Daí, também, por parte das classes dominantes, a etiqueta de comunista, de marxista, movimento policial comandado por Manoel Lubambo, um intelectual desestabilizado, muito embora encontre-se algumas poucas páginas lúcidas em *Capitais e a Grandeza Nacional*.

A palavra de ordem do P.C. manifestou-se no final da década de 40, através do artigo de Ghioldi, o argentino irmão do outro Ghioldi, que em gerência plúrima com Berger, administrou tão mal a Revolução de 35. E o artigo titulava-se: "Gilberto Freyre: um passo em frente, dois atrás".

Quanto a mim, levantei no início da década de 50 o caráter "reacionário" da obra gilbertiana, exatamente no ponto em que o mestre dos Apipucos investia contra a Usina. Então, na melhor linha leninista escrevíamos no *Jornal do Commercio* que há um momento histórico onde o capitalismo é uma posição progressista, isto é, quando desmantela o feudalismo ou quase feudalismo.

Ao enfrentar a Usina, dizia eu, Gilberto não se tornava marxista e muito menos comunista. Ao contrário, lutava pelo restabelecimento da ordem feudal ou parafeudal do patriarcado.

Não era só. Gilberto tornava-se um proudhoniano porque aceitava a dialética de complementaridade, a tensão dialética que não iria se resolver numa síntese. E impregnado dos mestres americanos, substituiria a síntese hegeliano-marxista pelo processo social de acomodação. A Casa-Grande e a Senzala operaram um "milagre de acomodação".

Ora, em termos marxistas esta "acomodação" desfiguraria a luta de classes. E a obra gilbertiana ganhou o epíteto de reformista.

Mas as minhas continuadas leituras de Marx e de Lenine — as duas fontes autênticas do marxismo ao lado da obra auxiliar de Engels —, leituras de textos econômicos e filosóficos e não propriamente do texto político, iriam me conduzir para uma "abertura", convencendo-me cada vez mais que o marxismo, em última análise, é um método.

O marxismo traz em seu bojo o germe da própria "morte". E Marx não pode ser transformado num Nostradamus das Ciências Sociais.

Pode-se não fugir à tentação do utópico. Marx que tanto investiu contra o socialismo utópico não descurou da sua escatologia. Neste sentido, também, tornou-se ópio, como revelara, há anos, Raymond Aron em frase de sucesso.

Diria eu, os grandes pensadores têm um toque de sereia. A esse estro não escapou Marx, como não fugiu principalmente Ortega e, entre nós, Gilberto.

Se em *Das Kapital* há uma permanência do agressivo — anotou o detalhe Gilberto — todavia, o próprio Freyre admite o poético nos textos marxistas, como apontou em tópico da "Sociologia".

Pois está para ser estudado, até que ponto, intencionalmente ou não certos pensadores, através do "ópio" das metáforas, conseguem impor teses que, melhor amadurecidas na estufa da dialética, não seriam absorvidas, tão facilmente.

Veja-se Bergson, por exemplo. Quanto encanto nas páginas de *Les Deux Sources de la Morale et de la Religion* — toda a possível sociologia de Bergson está neste volume e no pouco conhecido, *Le Rire* — mas que não resistiria a uma releitura mais peneirada e filtrante.

Veja-se, ainda, por exemplo, Ortega com impressionismos deliciosos sobre a origem despótica do Estado ou nas análises sobre Goya e Velasquez.

Veja-se, ainda e também, por exemplo, Gilberto Freyre insinuando, entre outras, a tese do "sobrado magro" como de influência batava, interpretação que repilo, porém, apresentado a nós na poética imagem de pessoas como que se apertando para sair numa fotografia. Imagem que ficou famosa, entre

outras mais famosas na estilística gilbertiana, espécie de "chão de estrelas" que o poeta Manuel Bandeira alardeava aos quatro ventos sua inveja por não ser o autor.

Voltando a Marx, há exageros de Freyre ao se reportar a *modernismo* e *modernidade* no pensamento social e considerar o marxismo superado.

Superado, sim, em determinadas afirmativas radicalmente epocais, na imanência do situado e datado. Todavia, jamais superado como *método*.

Se Gilberto tivesse abandonado a dialética proudhoniana da complementaridade, a riqueza interpretativa seria maior.

* * *

Todos os sistemas de pensamentos não são "conclusivos". Eles precisam, de tempos em tempos, de constantes "releituras". As condições sociais e econômicas de cada época são como novos olhos, uma nova visualização. Ou melhor, as condições sociais e econômicas de cada época desempenham o papel de lentes, de óculos, reveladores de novas visualizações.

Cada época tem sua "miopia", específica e natural, sua "vista cansada" e até sua catarata parcial ou relativa, monocular ou, binocular.

Ortega, genialmente, falava dos três "hojes": no mesmo dia, o "hoje" do neto, o "hoje" do pai e o "hoje" do avô tinham significados bem diferentes. Era como se três observadores, situados no mesmo ponto do espaço físico e no mesmo instante, usassem binóculos de alcances diferentes. Ou uns armados, oticamente, com as lentes de alcance, outros, pobremente, a olho nu.

A leitura, portanto, não se projeta como exercício autônomo, válido universalmente. Para cada época diferenciadora, acosta-se um ler diferenciado.

Nossas próprias experiências pessoais, a capitalização de experiências de vida recebem, com reações diversas, o impacto de sucessivas leituras, no correr dos anos.

Por isto sempre disse que o pensar somente se torna autêntico num *repensar*; o ler, num *reler*; o encontro, no reencontro.

Casa-Grande & Senzala exerce reação específica sobre os leitores das décadas de 30 e 40: ação de obra demolitória, por exemplo, para as classes tradicionais e para a ortodoxia católico-jesuítica. Assim, o rótulo de "livro comunista" é esparadrapo de curativo de emergência de pouca duração.

Ao se aguçar as contradições políticas com a queda da ditadura do Esta-

do Novo, o único texto interpretativo dos anseios populares seria *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos e Uma Cultura Ameaçada*. O único "discurso" — para utilizarmos a banalíssima retórica dos dias fluentes e tão pouco "confluentes" — defendendo a miscigenação, o mulatismo, o negro, finalmente, uma hosana aos vencidos e marginalizados, a única explicação — ou tentativa de . . . — de dignificar a cultura brasileira, exibindo sem-cerimoniosamente as raízes de negritude como um dos parâmetros básicos da nossa cultura.

O culto do Uno, do Único, a matriz da Única cultura superior, da Única raça superior, tudo isto, cedia espaço aos pluralismos mais amplos, ao culto do Múltiplo, do múltiplo *metodológico*, do *múltiplo ontológico*, do *múltiplo lógico*, tudo isto sem ignorar a tensão dialética fundamental entre Senhor e Escravo, Opressor e Oprimido, a Ordem e o Progresso, este um certo tipo de "desordem" em relação à Ordem.

Mas, os textos gilbertianos, em 1945, não eram marxistas, stalinistas, nem mesmo marxistas num sentido ancilar ou disciplinar. Quando muito, textos simpatizantes ao marxismo.

O P. C. — hoje, é que percebemos — não dispunha em 1945 de um teórico. Inocorria um texto de interpretação dialética ao nível de Casa-Grande. O P. C. era ajuntamento de basbaques à época das "luzes" do stalinismo, principalmente depois que Stalin redigiu o famoso manual, na inutilíssima tarefa de se elevar ao nível da crítica leninista.

O discurso de Gilberto, a nível de stalinismo, não podia ser revolucionário. E o mestre de Apipucos, envolvido pela UDN, procurou se resguardar, ideologicamente, na "esquerda democrática" para não ser dissolvido na plutocracia capitalista dos usineiros brigadeiristas.

Ressalte-se que na reação antifascista de 45, os professores da Faculdade de Direito, em que se pese suas posturas democráticas, temeram em vir à rua.

Somente Gilberto Freyre e Geraldo de Andrade desceram a Rua Nova, em direção à Pracinha do *Diário* no dia 3 de março para caírem na emboscada sangrenta preparada pelo Interventor Federal, no melhor estilo da emboscada sertaneja.

O meu ataque à obra de Gilberto Freyre na década de 50, crítica — permitam-me o narcisismo — lúcida, coerente e corajosa, se levamos em conta a grandeza do atacado e a insignificância do atacante — e ao mesmo tempo deselegante, passional e talvez injuriosa — permitam-me a autocrítica, tinha por objetivo neutralizar a influência do gilbertismo, cada vez mais ampla nos setores universitários.

Não se podia deixar nas mãos de um intelectual "burguês" a direção ou o predomínio de influências reformistas.

Mas por outro lado, eu professava um marxismo esquemático, um anti-marxismo, pois somente concluiria a leitura de *todos* — no sentido quantitativo — marxistas em novembro de 1960, segundo os registros do meu diário e de *todos* os textos leninistas, no ano seguinte.

Então, a minha crítica deve ser enfocada dentro das coordenadas de um espaço-tempo específico.

Viveu e hoje esfacelou-se o P.C., sem conseguir fazer brotar, das próprias fileiras, um Lenine.

Voltamos à releitura de Marx. O que na década de 50 não sabia eu, ainda, era que o fundamental na teoria marxista não seria a exploração, ignorância onde também participava Gilberto Freyre e outros eminentes marxistas e marxólogos.

A exploração capitalista era altamente manejável e prática como instrumento político. Recusar-lhe primazia no contexto marxista seria heresia grossa.

Mas, hoje, numa releitura tranqüila, verificamos que o axial na teoria marxista é o processo de “desumanização” do capitalismo que atingia não apenas o operário, quanto ao capitalista.

Através da alienação, a categoria básica e estimulante da “desumanização”, o Homem tornava-se estranho, estrangeiro, “estrangeirado” ao próprio Homem. Mas, isto não se passava apenas com o operário, atingia, também, o Burguês. A desumanização surgia como epidemia, veiculada pelo vírus da alienação e contaminava tanto o enfermo, quanto ao médico.

Então, o Marxismo trata de elaborar um novo humanismo ou uma reumanização da sociedade.

Todavia, dialeticamente, a desumanização capitalista, em confronto com a etapa anterior do feudalismo, projetava-se como um humanismo. Deveria correr muitos anos para que nos conscientizássemos que a Declaração dos Direitos do Homem de 1789 não passava de um humanismo parcial, limitado.

Contudo, não se devia, segundo Marx, esperar que as contradições dialéticas maturassem, que o sistema capitalista se esgotasse naturalmente. Impunha-se precipitar, aguçar as contradições. E, somente por um ato de vontade, objetivado na violência, poder-se-ia apressar a “explosão do sistema capitalista”. O ato volitivo residia na militância política: a violência traduzir-se-ia no preparo das revoluções, que seriam definidas como “as parteiras da história”.

Aqui, onde as camadas burguesas se alarmavam. Cedo a burguesia, bem o sabemos, repudiou a própria revolução de 1789, institucionalizadora de “horrores”, tais os “horrores” da Comuna de Paris e mais tarde os “horrores” da revolução bolchevique.

Tornaram-se incompatíveis *humanismo e revolução* na ótica burguesa, pois omitia-se a violência não espetacular, rotineira, assimilável, a exemplo da prostituição, da exploração salarial do trabalho feminino e do trabalho das crianças e tantas outras violências incruentas.

A violência revolucionária compatibilizava-se com o humanismo, na exata medida onde tal violência surgia como condição *sine qua* desse humanismo. Com isto, não se elimina a categoria da exploração, no sistema marxista. Apenas, desloca-se da posição primacial para uma situação de consequência, de efeito, onde o importante se encarta na categoria humanização. Enfim, pretende o marxismo em criando o socialismo, estruturar nova sociedade, somente possível pela moldagem de Um Homem Novo.

Ora, *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos* delinearão, sem dúvida, um humanismo. Sem se pecar por exagero, esta a primeira e histórica sistematização de um humanismo brasileiro.

O ataque gilbertiano à Usina vai por conta desse humanismo. A Usina liquidou o "sentimento de solidariedade entre o dominador e o dominado", o usineiro comporta-se "como se fosse um conquistador em relação com o conquistado de outra terra; de outro barro; de outro sangue" — eis o protesto na monografia *Nordeste*.

Transformou-se a Usina num processo violento de degradação da civilização do açúcar".

A impessoalidade, a "cousificação" da Usina, marcas típicas do capitalismo, mereceu denúncia em *Nordeste*. Usinas possuídas "por Fulano ou Sicrano & Companhia", os camponeses "trabalham sem saber direito para quem, quase sem conhecer senhores, muito menos senhoras", em processo trágico de "despersonalização" e consequente "cousificação".

Por tudo isto Freyre era culpado e acusado de comunista. Mas, nem comunista, nem marxista; pois, empunhando a bandeira do Humanismo não verificava Freyre que deveria ter, à mão esquerda, o fórceps da violência, sem a qual, nenhum Humanismo torna-se concreta histórica.

Concluamos: a dialética em Freyre tornou-se um excitante, admitamos até uma heurística. Isto todavia não conduz a "fundamentos marxistas" da teoria gilbertiana da cultura.

O 1848 da França não se assemelha à Praieira, como pensaram alguns, identificando tempos físicos, sem atentar para os destempos culturais. A Revolução Praieira não foi tanta consequência do 48 europeu.

Julgo a Revolução de 1930 mais perto do 48 europeu. O império brasi-

leiro — ando farto de repetir — terminou em outubro de 1930, estruturalmente. E 15 de novembro de 1889 é tão-só, Gesto.

Parafrazeando Lenine, direi que 1930 é um ano histórico onde o espírito revolucionário imperial da Independência já estava morto e o espírito revolucionário republicano ainda não tinha amadurecido.

Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos refletem essas peculiaridades de transição. Daí, a inconclusão ser autêntica e o pensamento de Gilberto Freyre, meio século depois, verdejar na melhor clorofila de uma atualidade inafastável.